

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

- * Como vi minha operação
- * Confiente nos bons Colegas
- * Satisfeito com o Hospital
- * Pensando intensamente em
minha única, merecedora e
querida herdeira espiritual



MONICA

NO LIMIAR DO OUTRO MUNDO

Assistimos ao ensaio geral da última peça de Deoclécio Machado, "No society iguaçuano", e lemos os seus livros acabados de imprimir.

Em todos, quer na dialogação da comédia, quer nas páginas dos livros, o que se nota, acima de tudo, como uma constante, é o derriço do autor pela terra natal: suas gentes, suas coisas. Um saudosismo mal disfarçado do tempo em que Deoclécio — menino e mōço — fazia das nossas ruas o seu quartel general. Então temos, escorridos emocionalmente, capítulos inteiros sobre as velhas famílias que vão desaparecendo; vultos que o impressionaram: Jarbas Cordeiro, Getúlio Moura, Paulino Barbosa e outros; sobre o "Correio da Lavoura", onde publicou os primeiros sonetos... um mundo enfim que se modificou, mas que lhe ficou na lembrança e que hoje se transforma em nostálgicas recordações escritas.

Vez por outra percebemos certo amargor nos extravagamentos do autor. Como que um desejo de ferir a cidade gigantesca e estranha

To Sir de
Buenos com
crescer de
Derliar
Em 28.6. '65

"Nunca vos deixeis desaninar pela tristeza de certas horas sombrias que passam sobre as nações. Deveis procurar viver na paz serena dos laboratórios e dos livros, dizendo antes de tudo a vós mesmos: Que fiz pela minha instrução? Como progredi? Que tenho feito pelo meu país? Até que venha o tempo em que possais desfrutar a imensa felicidade de considerar que concorrestes, dessa ou daquela forma, para o progresso e o bem da Humanidade."

LOUIS PASTEUR.

DEOCLÉCIO DIAS
no LIMIAR DO OUTRO MUNDO
MACHADO FILHO

Ao Josélio José de Oliveira Fernandes,
acadêmico de Medicina, e demais colegas do
1.º ano, — para que esta obra lhes sirva de
incentivo na carreira que acabam de abraçar.

O AUTOR.



DR. ISRAEL AFONSO FERREIRA — Sou um dos res-
ponsáveis por este livro: obra do Acaso ou do
Destino?

“O amor das espôsas urge ser forte, mas pode igualmente ser material e ciumento; o do irmão pode ser muitas vezes invejoso; o do amigo, corroído pela inveja. O da filha, entretanto, assim como o do pai, no caso, sempre foi desinteressado, perfeito, puro!” — Extraído de um dos capítulos dêste livro.

DEDICATÓRIAS . . .

Aos distintos colegas que direta ou indiretamente auxiliaram o Dr. Paulo Gusmão Pernambuco na intervenção a que me submeti, e cujos nomes aparecem no decorrer destas páginas:

— “*De tôdas as profissões que a vida social oferece à atividade do homem, é a do bom médico a que reveste caráter mais verdadeiramente humanitário, mais puro, mais santo, mais divino: ele representa o sédulo apóstolo da caridade, se não é a caridade mesma, o órgão do excelso doutrinador do mundo, suavemente falando pela voz do Samaritano, ao Lázaro da estrada e restaurando-lhe, com o maravilhoso bálsamo do céu, a saúde já sem esperança e a luz da vida quase a soçobrar e a extinguir-se. Honrai, prestantes filhos de Hipócrates, a sublimada e nobre missão a que vos liga o destino, executando-a e cumprindo-a com carinhoso amor e inflexível honestidade, e Deus, a flux, espargirá sobre vós as flores imarcessíveis da sua munificência infinita”.* — E. C. RIBEIRO.

— “Serve-te, pois, de tôdas as maravilhas do mundo material e de tôdas as grandezas do mundo da ciência, cultura e arte, para preparar êsse outro mundo, o universo espiritual da alma, incomparavelmente mais grandioso e belo do que tudo quanto já conheces até hoje”.

A cada um de per si:

“Todo homem que te procura vai pedir-te alguma coisa: o rico aborrecido, a amenidade da tua conversa; o pobre, o teu dinheiro; o triste, um consólo; o débil, um estímulo; o que luta, uma ajuda moral. Todo homem que te busca, certamente há de pedir-te alguma coisa.

A lei oculta, que reparte misteriosamente as excelências, dignou-se outorgar-te o privilégio dos privilégios, o bem dos bens, a prerrogativa das prerrogativas: “dar”. Tu podes dar!

Em tôdas as horas de que é feito um dia, tu dás, ainda que seja um sorriso, ainda que seja um aperto de mão, ainda que seja uma palavra da alento. Em tôdas as horas de que é feito um dia, tu te assemelhas a Ele, que não é senão doação perpétua e perpétuo regalo.

Deixa cair de joelhos, e dizer: — “Graças, meu Deus, por que possa dar! Nunca mais

pelo meu semblante passará uma sombra de impaciência! Em verdade, em verdade vos digo que mais vale dar que receber!”

“Assim, terá nas mãos a chave do teu Destino, agora e para sempre, aqui e em todos os mundos que tiveres de percorrer, rumo ao Infinito.”

Aos que se interessaram pelo meu restabelecimento, fazendo-me ouvir, no leito, suas vozes, pessoalmente ou pelo telefone:

Fernando de Sousa (Dr.)

João Antunes (Dr.) e espôsa (irmã do Autor)

Jurandir Passos Noronha

Oscar Viana e espôsa

Maria Félix da Silva

Marco Aurélio de Castro e espôsa

Luiz Samis (Dr.)

Dr. Getúlio Barbosa de Moura (Deputado)

Israel Afonso Ferreira (Dr.)

Oscar Formichella (Dr.)

Afonso Zuggiani (Dr.)

Maria de Lurdes Serra

Maria Fróis Machado (mãe do Autor)

José Fróis Machado (Dr.) (irmão do Autor)

Maria Soares Cunha (Pro.^a)

Murilo Augusto Esteves da Costa (Tabelião)

José Carlos do Vale (Dr.)

Altair Pimenta de Moraes (Dr.)

Jeová Antunes Van Boekel

Mariza Van Boekel

René Van Boekel

Leão Lankszner (Dr.)

João Freire Sobrinho (Dr.)

Raul Grunbach (Dr.)

Newton Tupinambá (Dr.)

À professora Nanci Ramalho, pelos cuidados a mim dispensados, tão logo soube da minha doença, e durante a convalescência.

“Servir fiel e desinteressadamente é uma das leis máximas do Universo. Nenhum outro ideal nos dignifica e eleva tanto a vida, conforme sentenciou o incomparável Servidor da Palestina: — “Quem quiser tornar-se grande dentre vós, será esse que vos sirva; quem quiser ser o primeiro entre vós, será esse o vosso servo. É assim que o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir.”

“O que fizerdes ao menor de meus discípulos, é a mim que o fareis.”

Relação, sem ordem alfabética, dos nomes citados, neste livro, na ordem em que vão aparecendo, após o Intróito:

Dr. Nísio Alves Borges

Dr. Liberato Cabôclo

Dr. João de Deus e Brito

Dr. Paulo Pernambuco

Dr. Fernando Paulino

Dr. Jaime Specterow

Dr. José Maria Pittella

Dr. José Vicente Fernandes

Dr. Tomaz Geraldo de Miranda Cunha

Dr. Maurício José Guimarães

Dr. Antônio Rodrigues Mota

Dr. Carlos Sandoval Gonçalves

Dr. Hylace Miranda Braga

Dr. Giovanni Pires Viana

Dr. Ronald de Assis Coelho

Dr. José Bonifácio de Oliveira Xavier de Menezes

Dr. Arykerne Chamon do Carmo

Dr. Cerniciário Arêas de Melo Filho

Dr. Hélvio Alberto de Azevedo Passos

Dr. Hilton Barroso Mendonça Costa

*Afro Mendes Malheiros
Maria José Afonso Ferreira
Dr. Nicola Caminha
Dr. Antônio Ribeiro da Silva Neto
Dr. Geraldo Baère de Sá Campos
Dr. Egídio Tancredo
Dr. Augusto Paulino (Neto)
Dr. Aloísio de Paula
Dr. Flávio Aprigliano
Dr. Emílio Ache Chedid
Dr. Edésio Maesse Neves
Dr. Isaac Malogolovkin
Dr. Eliukim Graicer
Dr. Murilo de Sousa Santos
Dr. Edgard Mário Berger (Diretor do Hospital
Silvestre)
Dr. José Feldman
Dr. José Carlos da Maia.*

INTRÓITO

O livro que se vai ler não foi escrito propriamente por mim, mas pelas mãos do Destino, conforme se irá ver, mais adiante.

Quando muito, teria sido eu apenas um compilador daquilo que ele me preparara com a sua profunda e vasta Sabedoria, há milênios talvez, sendo este livro apenas o registro do que viria a acontecer da grande aventura, testemunhada por um sem-número de amigos e colegas de profissão.

O Tempo me ensinou que em cada existência terrena — ou planetária — colhe-se exatamente o que se semeia na precedente. Ou nesta mesma geração, se assim o quiserem, os mais céticos.

Como, depois de cada parada, a vida reinicia sua marcha, conservando o proveito adquirido e respondendo pela perda anterior, o que agora me sucede, resulta daquilo que eu já fui. E, como em cada vida, o bem engendra sempre o bem, e o mal novo mal, lógico também é que tudo o que aqui se desenrola resulta pura e exclusivamente de meus merecimentos pessoais.

A morte, sem dúvida alguma, apenas interrompe a conta-corrente de débitos e créditos, e,

por uma aritmética infalível, a soma dos méritos e deméritos se imprime, por si mesma, exata e justamente, sem o menor êrro de cálculo, sóbre uma nova vida que começa, onde são acumulados e levados em conta os pensamentos e as ações passadas, as lutas e os triunfos, as reminiscências e as impressões das existências já vividas.

Terei de começar conversando assim, nestes termos, para que os meus distintos leitores e participantes desta obra compreendam claramente os objetivos que me teriam a ela conduzido, em que vai mais o pedido verbal de inúmeros doutóres, cujas companhias muito me alegram e enchem a vida, como vêem.

Outros grandes mistérios, a mim revelados, também neste mundo de Deus, iria igualmente entregar-los à meditação dos amigos, sem distinção, começando por transcrever um estudo astrológico de minha pessoa, feito *pelo Professor James Rafael, colaborador de "A Noite", e publicado naquele extinto vespertino no dia 28 de janeiro de 1953, depois de haver recebido meu pedido anônimo, tendo a resposta tomado o número 1.091 e cujo teor é o seguinte, conforme se poderá encontrar nos volumes encadernados, existentes na Biblioteca Nacional:

"1091 — Você escolheu bem a profissão que exerce, a qual lhe dará ainda satisfações honoríficas e pecuniárias, mas terá que passar ainda (pois já passou) por alguns dissabores por vêzes inelutáveis de ordem profissional e sentimental, os quais não lhe devem abater o ânimo, porque tem probabilidades de superar, com vantagem, os obstáculos que encontrar na sua humanitária carreira e em tudo mais. Faça sempre que puder algum bem sem esperar recompensas, porque, assim procedendo, atrairá simpatias e benéficos pensamentos de gratidão. Você é inteligente, tem aptidões para escrever e mesmo na política poderá ter êxitos. No plano sentimental está sujeito a desavenças — mas com chance para realizar um casamento rico. (Já teve uma e a perdeu) A maleabilidade bem dosada e o "savoir-vivre", muito lhe são aconselhados, compreendeu? Poderá superar seus próprios desejos se fôr corajoso, ativo e perseverante. Escreva-me sóbre o presente trabalho, externando sua franca opinião. Às ordens."

Isso tudo eu transcrevo e revelo, não sómente para que o leitor se distraia, senão ainda para que vá penetrando nos grandes enigmas da Vida, em que o livre arbítrio, concedido pelo Criador, é que nos proporciona o mérito ou demérito, con-

forme sejam nossas ações, como já esclareci, boas ou más, concretizando o carma de cada qual.

Assim, dentro do ponto de vista que estou a desenvolver, até mesmo as amizades, boas ou prejudiciais, se encontram dentro do que realmente somos ou merecemos.

O Dr. Israel Afonso Ferreira, por exemplo, não me surgiu à tóia, como amigo de que gosto e admiro. Outros poderão dizer dêle o que quiserem. Para mim, entretanto, é êle a suma bondade personificada, não constituindo o seu pedido, para que eu publique esta obra, apenas um produto do Acaso. Mas uma colaboração carmática.

Nossa amizade começou no dia em que êle obteve um de meus livros anteriores para ler. Não havia eu sido operado ainda. Depois, ficou cimentada pelos inúmeros pedidos que reiterou, inclusive para saudar em discurso, numa manhã de sol, seu amigo Dr. Oscar Formichella, que aniversariava.

Enquanto aguardava o instante de me desincumbir da tarefa, debruçados em uma das janelas de um corredor, eu e êle juntos, contemplávamos dois lagos de um pátio, onde milhares de peixinhos nadavam por entre as alfases e musgos, ali deixados como alimentos. Entre aquela variedade de peixes, foi colocado um espécime vermelho, bem ornamental, por um menino, com a justificativa de que havia crescido demais. Quase um palmo.

E não lhe cabia mais no aquário. Por isso, deveria viver ali solitário, decisão que muito o comoveu, e a mim, o que me fêz, tempos depois, lhe oferecer esta página que aqui transcrevo, como recordação daquele instante. Pela minha pena, falava aquêle exemplar colorido ao Dr. Israel Ferreira:

“Desde que me atiraram a êste lago moderno, que contorna o pátio da Policlínica, nunca mais tive sossêgo, jamais alcancei a paz de espírito que antes possuía, nadando por entre os ramos verdes daquele aquário familiar, redondo e limpido.

Havia sim, um gato que me ameaçava, porém, sempre me ria dêle, sentindo que o vidro, além de muito mais forte que nós, lhe deformava a fisionomia, transformando-o num ser de outro planeta, num mostrengo de bigodes, que muito me fazia rir, antes gargalhar do que me aborrecer ou me amedrontar.

E agora?

Atirado por entre uma espécie faminta, que só sabe devorar alfases e pedaços de carne, sobras da cozinha, fico entre triste e desalentado como tôdas as criaturas fora de seu meio, sentindo que a beleza de minha cauda e de minhas nadadeiras, não passam de travestis carnavalescos; e todos zombam de mim, como se fôra eu uma alma feminina, cheia de lentejoulas vermelhas, sem um pingo de virilidade, sem um pouquinho de

desejo de procurar a minha amada. Nem vêem que este lago é limitado.

Minha peixoca, de olhos grandes e azulados, antes tão pequenininha, pôde permanecer no outro aquário, para encanto dos olhos de seus donos e da criancada que diariamente dela se aproximavam.

E eu, por ter crescido demais, tive de ser jogado aqui, a conviver com essa fauna, talvez vindas dos mares da Lua, só pensando em se reproduzirem e comer exageradamente.

Vez por outra, me dão uns safanões, olhando-me com desdém, disputando comigo as migalhas que sobram daquele reduto de onde parte o chôro de crianças recém-nascidas.

Chego a pensar que são alimentos subtraídos desses anjos, por maldade dos homens.

Mas sei que o não são, porque os que se debuçam à margem do lago, cujas vozes conheço e entendo, dizem logo que são restos...

E eu, que só ingeria vitaminas de um vidrinho, onde soletravam as crianças: Aquariol — agora, até buchos azédos sou obrigado a engolir...

E assim é que vivo, pensando no destino de minha bela amada de cauda voluptuosa, ligada a mim apenas pela saudade, esse traço de união entre nós dois.

Um dia, que não demorará muito, irei pedir a Santo Israel, um velho e santo médico, que me ajude em tão solitário Destino.

Com tôdas as minhas fôrças, suplicarei também àquela estréla que me viu nascer, que desça até às águas onde nem minhas lágrimas podem aparecer: porque se confundem com as gôtas da torneira que abastece o pátio e inunda as bordas do pequeno mundo onde me atiraram, sem dó nem piedade.

Pedirei a élle, sim, porque Santo Israel, ao contemplá-la no céu, compreenderá que há realmente uma estréla a presidir o Destino de cada um de nós. Então, pensará naquela que desceu a Maria José, na Palestina, nome que também élle ama, porque é o de sua companheira, sem a qual jamais poderá, tal como eu, viver — fato que me revelou, exatamente no dia em que aqui me abandonaram, deixando o ventre de minha amada cheio de filhinhos meus, enfeitados dessas escamas douradas que ela sempre amou e amará por tôda a Eternidade!

Santo Israel, proteja-me.

Lembre-se de que sou Pai!

— Antes, o Dr. Formichella já me respondera que “nada tinha a ver com os peixes!”

O Dr. Israel gostou tanto, quis saber tanto em torno daquilo, que dali por diante, muita coisa seria comigo. Tanto doentes como doenças e outras histórias. Tornei-me para ele um sujeito enorme, um espírito tão agudo, nobre e desenvolvido, segundo sua opinião, que fui por ele intimado a comparecer a seu gabinete tôdas as vezes que pudesse, antes de iniciar meus plantões. Para um encontro de espírito, como dizia.

Entrementes, já havia eu passado por todos os momentos de apreensão decorrentes daquela doença que me conduziria à delicada intervenção, o que o deixara demasiadamente apreensivo, triste e preocupado.

Agora, ali debruçados, contemplando aquêle pátio de árvores frondosas e os lagos, por trás da Maternidade, rememorávamos as lágrimas do colega Nísio Alves Borges, escorridas quando soube que era eu portador de um carcinoma — lágrimas agora transformadas em largo sorriso, tão logo me vê.

— Deoclécio — indagava, nesta altura, o Dr. Israel, — agora, o que me interessa é saber quando você vai escrever o livro, contando tôdas as suas emoções... Antes e depois da operação!

— Quando dispuser de tempo e oportunidade. Demais disso, os trabalhos gráficos estão custando uma fortuna!... — respondi-lhe.

Sem embargo, sempre que podia, voltava à mesma pergunta. Sem imaginar que estava enquadrado como veículo daquele e outros estudos que descreviam, entre outras coisas: a diferença de temperamento entre mim e diversas pessoas de minha família; uma união que seria desfeita; — os tais dissabores de ordem profissional e sentimental; minhas aptidões para escrever e contar o que bem desejasse — consoante o estudo astrológico, — a despeito de tudo isso, o Dr. Israel insistia sempre.

* * *

Nesse interim, os doutores Liberato Caboclo e João de Deus e Brito, com os quais mourejo numa Equipe de Pronto Socorro, em outros dias da semana, mais ou menos em idêntica época, vinham-se esforçando para que eu publicasse um trabalho, qualquer que fôsse, sobre a doença que resultara naquela recente intervenção. O primeiro, por ter sabido dela desde o início e acompanhado, tal como o Dr. Israel Ferreira, todos os meus passos, com vivo interesse e desejo de cura.

O segundo, Dr. João de Deus — atentem para o nome! — por haver ajudado a intervenção, êle que é cirurgião especializado em tórax,

médico de grande experiência, adquirida na Policlínica do Rio de Janeiro, onde também milita, ao lado do Dr. Paulo Pernambuco, seu Chefe, a quem empresta muito de seu esforço e competência.

Chegaram a se oferecer como portadores ou mensageiros do que eu produzisse para a "Revista Brasileira de Medicina", dirigida pelo Professor Silva Melo, na qual cada médico conta "como viu sua operação"...

E eu teria de contar como vi a minha...

* * *

Como eu me houvesse esfriado, isto é, desinteressado do trabalho, pelo alto custo das impressões gráficas, e êsses três companheiros, também — ingressamos todos na faixa do silêncio. Até que, inesperadamente, o Dr. Liberato Cabôclo é afastado da chefia da Equipe, por haver-se incompatibilizado com certo critério da cúpula cirúrgica do Hospital Carlos Chagas, a cuja frente se encontravam José Maria Pittella e Jaime Specterow.

No alto, os astros girando para a realização harmônica dos acontecimentos...

Foi quando, então, por estímulo, e por nêle reconhecer as excelentes qualidades de um cidadão cumpridor de seus deveres, resolvi encabeçar um

movimento de solidariedade, inclusive dirigindo uma carta a seu superior, e que é meu também, nos termos que aqui reproduzo:

Madrugada de 9 de maio de 1965.

Prezado colega Dr. Acrísio Peixoto,
M. D. Diretor,

Escrevo-lhe, madrugada alta, sem os recursos
do bom papel de linho.

Por isso mesmo, clamo desculpas por esta,
feita às pressas, no joelho, sem nenhuma preocu-
pação de gramática ou de estilo, movido apenas
por justo sentimento de solidariedade a um cole-
ga, — aliás, grande colega, — que tudo tem dado
em benefício dêste Hospital e dos doentes, sem
nada pedir, nem mesmo meu modestíssimo teste-
munho.

Pelo exposto, de logo se vê a isenção, o ne-
nhum desejo de criticar quem quer que seja —
tanto mais que vivo o desencanto das horas som-
brias que a nossa querida Pátria atravessa, em
que muitos procuram acertar, sem todavia aplai-
nar ao menos as grandes dificuldades que avassa-
lam o imenso torrão em que todos nascemos, a
braços com crises de tôda ordem e que nos têm
deixado, de norte a sul, profundamente preocu-
pados e expectantes.

Antes, o que procurarei ressaltar aqui, com o
apoio de meus distintos colegas, é o reconheci-

mento a quantos, como V. S. e êle — o Dr. Liberato Cabôclo — hão procurado fazer, tendo por denominador comum o mesmo ideal de produzir e trabalhar.

Os da "Equipe do Liberato" — assim nos identificávamos até há pouco — fomos atingidos, de súpeto, pela inesperada notícia de que um grupo técnico, de cúpula, lhe sugerira transmudar nossa flâmula, substituir nosso brilhante e incansável timoneiro.

Acostumados a êle pelo seu ameno trato, pela sua inteligência e indiscutível dedicação e conhecimentos, — não conseguimos de pronto acreditar na medida, nós, que o víramos em intermináveis noites indormidas, lado a lado com o enférmo, ao pé da mesa cirúrgica, como o soldado colado ao canhão, travar a batalha contra a morte, desgastando-se a si mesmo para salvar o semelhante!

Tais demonstrações de carinho e de fé no santo exercício da profissão que abraçou, vimos, outrossim, o Dr. Liberato manifestá-las à saciedade, a ponto de contagiar os estudantes de hoje, a grande promessa das gerações de amanhã!

Dai, permanecermos entre boquiabertos e admirados, diante da notícia descabida, quiçá da surpresa inusitada, que esperamos venha V.S., com a sua força e prestígio, desmenti-la, para satisfação de todos nós, cujas andanças pelos corredores, antes pertencentes à municipalidade, e agora ao

Estado da Guanabara, completam vinte anos de desgaste, é verdade, senão também de crença na Justiça, na Religião e no valor do Trabalho, igualmente.

E não auguramos tal evento seja confirmado, sobretudo nessa quadra em que se acentua tudo estar sendo providenciado para melhorar, dando a César o que é dêle, a cada um segundo o seu merecimento!

O Dr. Liberato não merece injustiças!

Desta sorte, e mui pessoalmente, solicitar-lhe-tamos a preciosa intervenção, no sentido de reconduzir a seu justo lugar a quem vem servindo, não sómente à Medicina hodierna, segundo abalizadas opiniões, senão até ao alto padrão de atendimentos do Hospital Carlos Chagas que, inquestionavelmente, vem alcançando níveis cada vez mais elevados, inclusive no conceito de muitos, aqui e alhures.

Sr. Diretor:

Sabemos de nossas limitações na especialidade cirúrgica, em que vinha brilhantemente atuando, até aqui, o prezado colega Dr. Liberato Cabôclo.

Nada obstante, lhe suplicamos, com veras dálmas, não deixe falecer, nos que integramos a sua equipe, a esperança sublime do estímulo aos que trabalham.

Ao Dr. Liberato, podemos-lhe façá chegar, inteligente como é, a oportunidade do aviso-prévio, a luz das novas orientações que necessariamente deva imprimir ao seu velame branco, para que êle não soçobre assim, sózinho, em mar agitado, em borrascas mal-avisadas, arrastando irremediavelmente, tristes e desorientados, para o pélago, todos os nossos corações para êle voltados!

Caríssimo Diretor, queremos poder contemplar agora tôda a sua bravura, à guisa de apagador, a tão decantada coragem pessoal, salvando o nosso querido Liberato de tal conjuntura!

Ofereça-lhe, nas alturas luminosas que a grande profissão o conduziu, o braço amigo ou o seu fanal, tanto êle já lhe serviu, ao Hospital, à Ciência e aos doentes!

Por formação, seja um Cireneu no Gólgota libertiano! Ajude-o nessa crucifixão ou nesse caminhar puro, há tanto tempo encetado!!!

V. S. constitui nossa grande esperança nessa missiva reservada que, como integrante da equipe, lhe envio respeitosamente.

a) Deoclécido Dias Machado Filho — Médico

Nesta altura, outros colegas espontâneamente se ofereceram para assiná-la também, na ordem seguinte:

1) José Vicente Fernandes — Médico

2) Tomás Geraldo de Miranda Cunha — Médico

- 3) João de Deus e Brito — Médico
- 4) Maurício José Guimarães — Médico
- 5) Antônio Rodrigues Mota — Acadêmico 6.º ano
- 6) Carlos Sandoval Gonçalves — Acad. 6.º ano
- 7) Hylace Miranda Braga — Acad. 6.º ano
- 8) Giovanni Pires Viana — Acad. 6.º ano
- 9) Ronald de Assis Coelho — Acad. 5.º ano
- 10) José Bonifácio de Oliveira Alves de Menezes — Acadêmico 5.º ano
- 11) Arykerne Chamon do Carmo — Acad. 6.º ano
- 12) Cerniciário Arêas de Melo Túlio — Ac. 6.º ano
- 13) Hélvio Alberto de Azevedo Passos — Ac. 5.º ano
- 14) Hilton Barroso Mendonça Costa — Ac. 5.º ano

* * *

Depois desta carta, que obteve o aplauso unânime de todos os colegas e, por fim, com a simpatia do próprio Diretor, veio o Liberato abraçar-me, comovido, trazendo-me, jovem como é, um recado, uma opinião e um agradecimento muito particular, de seus pais.

— Dr. Deoclécido — assim que me trata, envertecendo-me cada vez mais. — Meus pais são os maiores admiradores daquilo que o senhor produz! E pedem que imprima todos os seus trabalhos! Eles o adoram e se encontram agradecidos cada vez mais!

Sem dúvida alguma, tal recado fôra uma grande compensação para a iniciativa que tivera, pugnando pelos merecimentos de um filho valioso, cirurgião competente, honesto e trabalhador. E repetiu:

— Uma coisa lhe peço: não deixe de publicar seus trabalhos!

* * *

E mais uma vez, voltou Liberato à mesma pergunta do Dr. Israel Ferreira.

— Por que não publica? Agora, seremos eu e o Brito os portadores. Levá-lo-emos à Revista

E permaneceram, quase uma semana, insistindo, exatamente como faz o elemento feminino, quando deseja alguma coisa... Lembrei-me de minha filha, mais uma vez.

Foi quando deliberei escrever o trabalho para a "Revista Brasileira de Medicina".

* * *

No instante, porém, em que o lia para o Dr. Israel, declarando estar satisfeita a sua vontade, quando jazíamos debruçados à janela do corredor da Policlínica, eis que êle me surpreende:

— Artigo, Deoclécio? O livro é que é o fino...
— Vamos, deixe de preguiça!

Ao mesmo tempo em que seu auxiliar, Paulo Cerqueira Azevedo, acentua emocionado:

— Descreva "a epopéia de um moribundo!"
— Um livro que seja do outro mundo! Ou que fale dêle!

E assim, depois de muito rirem, com o testemunho de Afro Mendes Malheiros, começaram a lembrar quanta coisa poderia eu relatar:

Por exemplo, aquela promessa da gentil D. Maria José Afonso Ferreira a Nossa Senhora da Penha, para eu subir as escadarias com uma vela acesa, de meu tamanho, carregando às costas dois pulmões de cêra, no caso de restabelecimento completo. E retornou à cena matinal em que o colega Nísio Alves Borges, no Ambulatório, chorava qual uma criança, pensando na minha morte...

Tudo isso poderia eu relatar!

Depois de reviver, inclusive os presentes que passei a receber, ainda vivo, de parentes, rememorou as divergências, inclusive entre alguns mestres no assunto, sobre aquêle nódulo pulmonar, suspeitíssimo, no têrço médio de meu pulmão direito, exatamente quando eu procurava dar cumprimento a uma exigência funcional, no sentido de completar o meu cadastro, a que faltava a abreugrafia, de que resultou a tele e, a seguir, as tomografias tôdas elas com o nódulo!

— E depois de tanta coisa assim — arrematava o amigo — só mesmo um livro!

* * *

Realmente, mais uma vez os astros ou o Destino, através de amigos obediente às estrélas, estavam a me pressionar, de todos os lados.

— E por que não atender a tantos, que tanto bem me queriam?

— Por que também não ao Destino?

Além do mais, havia agradecimentos a fazer...

* * *

Exatamente por isso é que me decidi por esta obra, que não sómente entrego à leitura de quantos a solicitaram, se não ainda à meditação dos espiritualistas.

Espero que ela esteja à altura do juízo que fizeram de mim, inclusive contribuindo, de alguma sorte, para algum estudo valioso e interessante, pois muito certo estou, nessa metade da vida, em que ando, de que muito mais alto que o céu, além das mais longínquas estrélas, mais além desse Universo, existe um Poder estável e superior, existente antes do princípio e que não terá fim, eterno como

o Tempo, seguro com a Certeza, que impele para o Bem e é súbito de suas próprias leis. A seu toque, florescem os rosais e sua mão modela as pétalas de rosas ainda no obscuro solo. Atua igualmente nas silenciosas sementes, pondo dentro do óvo, a beleza irisada da borboleta azul que vai nascer. Modela no horizonte o perfil das montanhas e tece, quando chega a vez, o atavio da primavera. A sua obra, de tão perfeita, já inspirou livros superiores a este, que aqui cresce por força de suas obras e Inteligência.

Seu pincel dá côr às luzentes nuvens, e na cauda do pavão engasta as suas esmeraldas, fazendo espargir o perfume numa paisagem que nem os gênios humanos são capazes de reproduzir, em semelhança!

As estrélas são o seu ancoradouro, e o relâmpago, o vento e as chuvas seus escravos. Constrói nas trevas o coração do homem, e instala dentro dêle o seu próprio reino, pedindo a todos que o semeie sob a forma de Amor, seu substratum principal, a essência de seu Espírito invisível!

Tal é o princípio de tôdas as coisas dêste mundo, inclusive o que me criou, emprestando-me uma revelação em função da qual resolvi lançar-me à tarefa tão solicitada.

O AUTOR.



COMO VI MINHA OPERAÇÃO

Começarei com um laudo radiológico, datado de outubro, dias depois da primeira suspeita, er-guida na Policlinica Alexandre Fleming, sob a di-reção do Dr. Oscar Formichella. Havia mister uma confirmação, para o que procurei o Dr. Nicola Ca-minha:

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1964.

N.º 44.324.

Dr. Deoclécio Machado Filho

EXAME RADIOLÓGICO DO TÓRAX E TOMOGRAFIA DO 1/3 MÉDIO DO PULMÃO D:

O exame radiológico do tórax constou de ra-diografias simples convencionais, assim como de diversas tomografias do lado direito.

Essas radiografias mostram a presença de uma imagem nodular, medindo 1,5 cm de diâmetro, projetada no têrço médio do hemitórax direito.

Pelas tomografias verifica-se que esta lesão é bastante posterior, e se projeta em plano situado a 6 cms da superfície cutânea posterior. Não se identificam calcificações na periferia ou no interior dessa lesão.

Hamartoma pulmonar?

Dr. Nicola Caminha.

Quando esse emérito radiologista, Dr. Nicola Caminha, interrogou, com sua larga experiência, o diagnóstico de *Hamartoma* para a imagem nodular que localizara, através de tomografias sucessivas, no terço médio de meu pulmão direito, sómente um casal de jornalistas — Albeniza e Da-cheux, — amigos meus de longa data, sabiam do evento.

Quando, porém, o Dr. Antônio Ribeiro da Silva Neto, vice-diretor do Sousa Aguiar e cirurgião de tórax, confirmou, frente aos Drs. Oscar Formichella, Israel Afonso Ferreira, José Geraldo Baère de Sá Campos e Egidio Tancredo, no gabinete do primeiro, através das radiografias apresentadas e na presença de quase uma dezena de colegas, seu diagnóstico de carcinoma, pela localização, entrei em pânico, pensando menos no que o Destino me impusera do que em minha filha, que tanto precisa de mim.

Corri, então, ao Dr. Paulo Pernambuco, cujo nome já me inspirava bastante confiança, não sómente pelo que dêle diziam os colegas Liberato Caboclo e João de Deus e Brito, êste último seu auxiliar na Policlínica do Rio de Janeiro, senão ainda pela esplêndida casuística e experiência que

possuia, de longos anos, companheiro que fôra dêsse cirurgião a cuja escola se filiara, desde os tempos da Casa de Saúde São Miguel em que juntos atuavam.

O próprio Augusto Paulino (Neto), meu particular amigo e antigo companheiro de plantões, no Hospital Geral Sousa Aguiar, me recomendara bem o Dr. Pernambuco, quando soube de meu caso. Todavia, se quisesse, apresentar-me-ia ao tio, Fernando Paulino, e êle mesmo o ajudaria na intervenção. Entrementes, se me decidisse pela equipe do Dr. Pernambuco, da mesma sorte, me sairia bem.

E foi assim que me inclinei pelo risonho, já grisalho, competente, baixotinho, mas experimorado e hoje companheiro de plantões do Carlos Chagas, que condicionou sua intervenção: primeiro, à opinião abalizada do Prof. Aloísio de Paula; segundo, ao resultado de uma broncoscopia, que deveria ser feita, sem demora, pelo Dr. Flávio Aprigliano, também de sua inteira confiança. Terceiro, a outros exames, conforme veremos adiante.

O Prof. Aloísio de Paula, depois de duas radiografias com intervalo de 10 dias, fôra claro: Trata-se de um nódulo suspeito de carcinoma, cuja indicação é toracotomia. Deu por escrito. E assinou.

O Dr. Flávio Aprigliano, entretanto, achou mais prudente deixar tudo por conta do resultado

do lavado brônquico, cuja reação de Papanicolaou veio a dar negativa, ao dia seguinte; assim como a cultura de Bacilo de Koch, tempos depois. Quer isto dizer que, ao fim dos resultados por êle obtidos, a situação era animadora. A árvore brônquica, ao que lhe parecia, à primeira vista, nada oferecia que pudesse fazê-lo suspeitar de um carcinoma. Foram as suas palavras finais, ao se despedir de mim.

Releva lembrar, igualmente, que, dias antes, o diagnóstico de Hamartoma fôra confirmado pelo Dr. Emílio Acle Chedid, antes mesmo de ler as conclusões do Dr. Nicola Caminha.

Assim, os dias que viriam preceder à intervenção se apresentaram entre duvidosos e apreensivos, com provável alteração do *stress*, e só isso, segundo colegas mais otimistas, entre os quais incluo o José Geraldo Baêra de Sá Campos.

Passados alguns dias, procuro saber o resultado laboratorial mandado realizar pelo Dr. Aprigliano.

LABORATÓRIO DE CITOLOGIA

Dr. Edésio Maesse Neves
Curso de Citologia do Prof. George Papanicolaou
da Cornell University Medical College
Av. N. S. Copacabana, 613-10.^o s/1004 - Tel. 57-5494
Av. 13 de Maio, 47, gr. 1706 - Tel. 22-2717

Nome: Dr. Deoclécio Dias Machado Filho
Médico: Dr. Flávio Aprigliano
Material: Lavado broncoscópico
N.^o do Laboratório: 14.817.

Resultado:
Ausência de células malignas.
Classe I (Papanicolaou).
Numerosas células brônquicas, isoladas e aglomeradas; numerosos macrófagos e leucócitos.
Em 24 de novembro de 1964.
a) Edésio Masse Neves.

*
* * *

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Isaac Malogolovkin — Eliukim Grancer
 Edifício Cineac-Trianon — Av. Rio Branco, 181
 - sala 1104 — Tel. 22-9088

Rio de Janeiro — E. G.

Em 24 de novembro de 1964 - Reg. n. 20K-25.364

Nome: Dr. Deoclécio Dias Machado Filho

Médico: Dr. Flávio Aprigliano

Material: Secreção brônquica

Exames: Pesquisas de Bacilo de Koch

Resultado:

O exame microscópico do material, após coloração específica, *não revelou a presença de bacilos* com os caracteres morfo-tintoriais do bastonete álcool-ácido-resistente.

Obs. — O material foi tratado e semeado em meio de Loewenstein-Jansen e permanecerá em estufa a 37°C, durante 45 dias.

a) Isaac Malogolovkin.

*
 * *

Como era natural, volvi ao Dr. Pernambuco. Solicitou-me então o cirurgião por mim escolhido, a cuja competência entregara a minha vida, novos exames laboratoriais, agora de sangue, pré-operatórios, e cujos resultados foram os mais desanimadores possível. Aproveitarei até o fato

para transformar todos êstes instantes dramáticos numa história interessante, a fim de não fatigar o leitor, assim pela terminologia médica, como pelo que mais adiante irá decorrer, relativamente à minha família.

E' quando tôda a minha *estória* se complica:

LABORATÓRIO DE ANALISES MÉDICAS

Dr. Murilo de Sousa Santos

Rua Lucídio Lago, 96 - Sala 503 — Tel. 49-2127
Tel. Res.: 29-0430

N.º 22.934.

Nome: Dr. Deoclécio Dias Machado Filho

Exame: Sangue — Uréia, Glicose, Fator Rh,
Grupo sanguíneo, Tempo de coagulação e
Sangramento.

Médico: Dr. Paulo Pernambuco.

Resultado:

Uréia — 55 mg % — Método Fotocolorimétrico de Barker.

Glicose — 160 mg % — Método Fotocolorimétrico de Folin-Wu.

Creatinina — 1,50 m % — Método Fotocolorimétrico de Folin.

Tempo de coagulação — *Onze minutos e meio*
(Lee-White)

Tempo de sangramento — *Um minuto* (Duke)
Retração do coágulo — *Normal*

Fator Rh — *Positivo* — sôro anti-“D” 85 %
 Grupo sanguíneo — *Tipo “O”* — *Landsteiner*.
 a) Dr. Murilo de Souza Santos.
 Rio, 23-11-1964.

*
 * * *

Os resultados aqui, como vêem, não andavam nada bons.

A ureia, com 55 mgrs %, quando o normal vai até 40; a glicose, em 160, com a linha de normalidade até 120 mgrs % e o Tempo de coagulação alto, assustaram o meu cirurgião, que logo transferiu a data da intervenção em meu nódulo, cuja erradicação todos os livros e revistas modernos aconselhavam, conforme provara o Dr. José Faure documentadamente.

Fiquei sabendo que eu era doador universal, “O”, bem como todos os telefones do Dr. Pernambuco, de quem não me desligava um só instante:

42-7914 — Policlínica.

22-6379 — Consultório.

26-7222 — Sanatório de Botafogo (às 12 h.)

Horário de almoço.

Ele mesmo me dera as coordenadas...

*
 * * *

Meus colegas de Hospital, chefiados pelo Dr. José Faure e Dr. Henrique Alves Pamplona, inspirados na orientação de meu amigo particular Dr. José Vicente Fernandes, chegaram a se reunir, segundo soube, com objetivo de me oferecer uma cooperação, caso minha doença se apresentasse com mais gravidade do que se supunha à primeira vista. Inclusive, é claro, tendo de fazer aplicações de cobalto ou quaisquer outros tratamentos, altamente especializados, aqui ou em terra estranha.

Desta sorte, a 14.^a Enfermaria, sob o comando do Dr. Décio Augusto Vieira, se mobilizou toda, dentro da atmosfera humana, rica de boa vontade, com aquêle espírito de amizade e colaboração, presentes nos assistentes de Serviço: Drs. Mário José de Sousa Filho, Antônio Lopes Marrafa, Nelson Francisco da Costa, Emanoel Carvalho Santos, Osiris Pimenta da Cunha, Pedro Paulo Cabral e José Felix dos Santos.

*
 * * *

A seguir, o colega Dr. José Vicente Fernandes me forneceu, não satisfeito ainda, toda uma relação de colegas, conseguida não sei como, com os quais poderia eu contar, em plena atividade naquele mesmo nosocômio, cujos alicerces a minha

doença sacudira. E fui anotando um por um, os doutores:

Adão de Maria Filho
 Alcyone dos Santos
 Alceu Vieira Vilela
 Alemar Fontes Rezende
 Alfredo Rafful
 Aluízio Cordeiro da Silva
 Antônio Barcelos Borges
 Ari Guilherme Ferreira
 Arivaldo Ribeiro de Bakker
 Armando Maurício Silícios Veloso
 Artênia Zingoni
 Audálio Marcus de Souza Junior
 Benedito Gattas Conceição Orro
 Bernard Goldvag
 Bartolomeu Penteado Coelho
 Carlos Frederico Tibau Vasconcelos Dias
 Carlos Gomes de Figueiredo Filho
 Carlos José da Silva
 Carlos José Serapião
 Darcí Sérgio Sendin de Sá
 David Zibenberg
 Denizé Esteves Bastos Leite dos Santos
 Dinário Pereira de Castro
 Edson Paulo Cixel
 Élcio Pinto Lessa
 Elias Mussa Cury
 Euclides Moreira de Faria

Eugenio dos Santos Pereira
 Fábio de Melo
 Fernando Manoel de Oliveira Moraes
 Flávio Gil de Sá Ribeiro
 Flávio Nascimento Terra
 Gelson Ghetti
 Germano Zukin
 Gunther Jansen
 Heitor Martins Pacheco Dantas
 Herbet Rollemburg Cruz
 Henrique Cesar Teixeira Neves
 Henrique Olímpio Brandão Campelo
 Helvécio Baleiro de Carvalho
 Humberto Ferreira Feirolla
 Ilka Santos Lima
 Iolanda Yamaki
 Iron de Melo Valente.
 Ivone Bastos.
 Jaede Soares
 Jaime de Carvalho Queirós
 Jesus Alberto Valbuena Quintela
 João Severo
 Joaquim Francisco Batista
 José Bastos Goulart
 José Guido de Vasconcelos Gomes
 José Luiz Soares Amélia
 José Pinheiro da Silva Neto
 José da Silva Goiana
 Jorge Leal Brandão

Luzia Lobato de Brito
 Maria José Serapião
 Maria de Lurdes Gomes Schuwartz Tannouz
 Marcus Colbert Schuwartz Tannouz
 Manoel Pinheiro Guimarães
 Marcus Calmon Du Pin e Almeida
 Mozart de Araújo Padilha
 Milton Solano Maia Drummond
 Nassaílde José de Carvalho
 Nadim Curi
 Neila de Figueiredo Viana
 Ney Oliveira Morgado
 Nilton Danilo Viana de Lima
 Oldéa Petit Bertolazzo
 Orlando Ribeiro
 Otávio Marcos Martins
 Paulo César Cavalcanti de Mendonça Uchoa
 Paulo Borges de Sousa
 Paulo Henrique Ferreira
 Renan Fabiano Alves
 Renaud de Villemont dos Santos Cardoso
 Rodolfo Ribeiro Dias Filho
 Roberto Alvares Armando
 Rui de Oliveira Viana
 Ruy César Soares
 Samil Sinder
 Sebastião Rezende
 Sebastião Till
 Sérgio Torrecilha
 Sidnei Rocha de Matos

Tereza Cristina Monteiro Ferreira
 Tito de Abreu Fialho
 Valdir Neves Coutinho
 Valter de Almeida Barbosa
 Valter Albieri
 Vitor Farid Curi
 Waytel Ribeiro da Silva

* * *

Aqui, interrompi a leitura, sentindo indescritível momento de alegria, direi mesmo inefável, pela solidariedade demonstrada em tão difícil transe.

Indubitavelmente tudo, em mim, eram dúvidas e incertezas...

Quando acabei de ler esta imensa lista contida nas páginas anteriores e as devolvi às mãos do colega Dr. José Vicente Fernandes, o encabeçador do movimento, lista na qual tudo me era oferecido de graça, como de graça haviam recebido do Alto os dons de curar, — como bem podem ver, — comecei a ser tomado de profundo sentimento de reverênciā e de religiosidade, relativamente aos colegas e à profissão que todos abraçáramos. Parecera-me, ali, nobre sacerdócio em sua expressão mais lidima.

Lembrei-me, então, do que escrevera o Prof. Ernesto Carneiro Ribeiro, num instante de muita felicidade e inspiração sôbre o exercício da profissão médica. E eu a sabia de cor:

“De tódas as profissões que a vida social oferece à atividade do homem, é a do bom médico a que reveste caráter mais verdadeiramente humanitário, mais puro, mais santo, mais divino: êle representa o sédulo apóstolo da caridade, se não é a caridade mesma, falando pela voz do Samaritano, ao Lázaro da estrada e restaurando-lhe, com o maravilhoso bálsamo do céu, a saúde já sem esperança e a luz da vida quase a soçobrar e a extinguir-se. Honrai, prestantes filhos de Hipócrates,

a sublimada e nobre missão a que vos liga o destino, executando-a e cumprindo-a com carinhoso amor e inflexível honestidade, e Deus, a flux, esparcirá sobre vós as flôres imarcessíveis da sua munificência infinita."

Tôda aquela atmosfera de apreensão, que preocupava principalmente os mais chegados a mim, atuava também em meu espírito, tornando-me, entre outras coisas, uma criatura profundamente agradecida e — por que não dizer? — feliz, em meio àquelas atribulações e dúvidas radiológicas.

Antes, no encontro pessoal que mantivera com o Dr. Edgard M. Berger, diretor do Hospital Silvestre, e na presença do grande cirurgião e cardiologista Dr. José Hilário, esclareceu-me o primeiro que teria eu de ser operado ali mesmo, quaisquer que fôssem as circunstâncias. Ele mesmo garantiria a eliminação de eventuais óbices.

O dinheiro não seria problema, com abundância ou sem ela. É que eu lhe havia reclamado o preço de cada litro de sangue, para a transfusão, se necessária: perto de vinte mil cruzeiros!

— Um absurdo!

— Afinal, tinha sido eu colega de turma de alguns que trabalhavam ali, e os citei.

O apartamento a 40 mil cruzeiros por dia, afora a despesa da acompanhante, mais 20 ou trinta por cento, nem me lembra mais. Depois:

remédios, sala-de-operação a 15 mil cruzeiros a hora, nebulizações, sala-de-recuperação, etc.

— Em 15 dias, a que limites chegariamos?

— O senhor pague como quiser! — insistiu ele com um sorriso, manda a verdade que eu diga.

E continuou:

— Agimos sempre assim em relação a colegas!

O Dr. Berger, com aquêle lance, me havia conquistado — confessei-lhe.

— Internar-me-ei, sábado, conforme combinei com o Dr. Paulo Gusmão Pernambuco, daqui também.

— Estamos às ordens.

E assim me despedi, passando por aquêles corredores onde tudo era impressionantemente limpo e bem cuidado. Os médicos, bem uniformizados, assim como as enfermeiras e, até, o pessoal do corpo administrativo — tudo em azul e branco. Sem dúvida, tudo no Silvestre funcionava maravilhosamente bem.

Aquêle sábado, desde cedo, se mantinha excepcionalmente tranqüilo, lindo e, como tudo à volta, celestial. Uma aragem fresca perpassava os corredores, o dia começara tão claro e ameno, que nem parecia eu um doente quase às vésperas de larga intervenção, ameaçado inclusive de ficar sem o pulmão direito — tudo dependendo, é óbvio, da

biópsia do nódulo. Alguém lembrara Paulo Dacorso.

Para melhor poder orientar os amigos mais modestos de minhas relações de amizade, fiz questão de chegar, ali, de bonde, em tal dia.

Necessitava ensinar-lhes o caminho mais prático, acessível.

Se quisesse, poderia telefonar para dois ou três conhecidos, ou tomar um táxi. Entretanto, preferira esperar o bonde, a fim de me recordar do tempo de estudante, em que, acompanhado, com aquêles poucos cruzeiros que meu pai me prodigalizava, buscava os encantos daquelas paisagens cariocas, valendo-me de tal condução.

O bairro de Santa Tereza é realmente belo!

E, de fato, tudo transcorreu muito bem, o veículo serpenteando sobre os trilhos, em meio a uma vegetação tão bela quanto variada, sobre colorida. Sentado junto de alguns servidores do Silvestre, recordei uma quadra boa e feliz de minha vida, em que ao lado das preocupações de ordem material, havia sempre um lugar para os meus ideais.

* * *

Já agora me recordando aquela lista enorme de companheiros do Hospital, outra impressão me

tocava, ali. A do mais completo e absoluto desinteresse em questões monetárias, de parte de todos, indistintamente, em relação a mim. Ninguém que se dava, e mesmo na clínica particular, ao mister de curar, se preocupava com questões de tal ordem.

Ao contrário, muitos até indagavam, desconhecendo minha vida particular, se me encontrava ou não à altura daqueles supostos gastos astronômicos. Porque, o que realmente desejavam era me auxiliar, antes e acima de tudo.

Aquelas mãos que tantos olhos, pernas e braços operavam, restituindo a vista aos cegos e andar aos coxos, como o Servidor de Nazaré, queriam, a todo transe, colaborar comigo igualmente. Proporcionar-me vida e saúde, — eram outras tantas mãos brancas e puras a espalhar a salvação e a cura, desejando, agora, se aproximar de mim.

Foi aí, em tais alturas, que meus olhos se distanciaram, como se estivesse eu a reviver àquela época em que Ele, não desejando recorrer à bôlsa dos amigos, manda a Pedro que atirasse as rês para, na boca do primeiro peixe arrancado às águas, encontrar o dôbro do dinheiro.

Graças a Deus, não precisava pedir a ninguém.

Eu também não gostaria de solicitar o metal.

O lago, bem maior que aquêle da Policlínica, onde nadava o peixinho vermelho, e onde me descobriram a doença, poderia ser enchido de dinhei-

ro, se Ele o quisesse. Mas não. Preferia, como eu, a modéstia de sua vida e a singeleza daqueles seus amigos, pois as boas almas não carregam dinheiro, nem bôsas.

Assim, não seria Ele que dava as dracmas, mas o lago, hoje de Israel, também.

Assim, aquela lista, sem dúvida, também provava que o de que realmente necessitamos, na vida, mais do que o dinheiro, é uma boa amizade, um pouco de sol, de ar, um bocado de alimento, tudo oferecido de coração...

— Olhai as aves do Céu... Não semeiam nem ceifam. Entretanto, o Pai não deixa que nada lhes falte"...

* * *

Concluindo, posso afirmar que os dias que precederam a operação vieram-me revelar que a cada um é dado segundo seu merecimento.

A pecúnia não é tudo. Nem será.

Se, por acaso, ela me faltasse, outras maneiras me surgiriam para obtê-la, a fim de atender mais e melhor aos que dela se utilizam, necessariamente, para viver.

* * *

E, nesse passo, o gesto de meus colegas passou a me explicar a pobreza do filho do carpinteiro de Nazaré. Pobreza quase absoluta; a viver com os doentes, falando aos pobres, dando aos

enfermos, trabalhando para os fracos, querendo e aceitando a pobreza, amando-a e desposando-a e, mesmo assim, distribuindo esmolas, tudo para provar que há um tesouro que aumenta, à medida que se gasta. Que existe uma pobreza metafísica... por Amor...

— Não se pode servir a Deus e ao dinheiro...

O ouro, para quem serve ao espírito, nada é. O espírito, para quem serve ao ouro, é uma palavra sem sentido.

Quem escolheu o espírito rejeita o ouro e tudo o que se compra com él. Quem deseja sómente o ouro, cancela o espírito e renuncia a todos os benefícios do espírito: a Paz, a Saúde, o Amor, a perfeita Alegria...

O primeiro é um pobre que nunca esgotará sua riqueza infinita; o outro é um rico que jamais se libertará de sua infinita miséria.

Sem dúvida, Deus me concedia muito mais do que eu realmente merecia.

Mais outra vez meus Colegas satisfaziam o que determinava aquêle horóscopo, que lhes dei a ler, no início dêste:

“Faça sempre que puder algum bem. Porque assim, agindo, sem esperar recompensas, atrairá benéficos pensamentos de gratidão e simpatia.”

E era realmente o que havia dentro de mim, em relação a todos êstes cujos nomes alinhei, agradecido, nas páginas anteriores.

Em tal ocasião andava eu mais ou menos afastado de meu lar, pelas ingerências de parentes, tudo ocorrendo com a complacência de minha espôsa, boa môça, mas comodista e sempre dotada de muito boa-fé. Atitude que me aborrecia profundamente, e com a qual absolutamente não concordava. De minha casa, levaram a televisão, trocaram móveis, a fechadura, a chave, tudo à minha revelia. Pintaram e bordaram, os parentes dela! Até o relógio de ouro que dera de presente à minha filha, em dia de seu aniversário, andava em outros braços...

Aquêle casal de repórteres, hábeis e inteligentes, querendo inclusive estabelecer a aproximação de dois entes, que se enlaçaram pelo coração, resolve comparecer à nossa casa, a fim também, de deixá-la a par do que comigo sucedia.

— Eu sei que você o estima — esclareceu Albeniza, antes do marido, — assim também como sei que, embora distantes, seus corações são ligados, principalmente pela menina... Mas, agora, o caso não é para caprichos pessoais, pois se trata

de uma doença cuja cura sómente larga intervenção cirúrgica poderá efetivar.

* * *

Nessa altura, o casal de repórteres, quais verdadeiros irmãos, já me haviam sugerido o Hospital Silvestre. Ela, quando do último tratamento feito na filha, ali, no modelar nosocômio a que pertencia o marido, como associado, sabia perfeitamente não só do conforto que êle oferecia, senão também do aparelhamento cirúrgico e alta qualidade da enfermagem. Ademais, lembravam a recomendação feita pelo Dr. Pernambuco de que, se tivesse de fazer uma ressecção completa do pulmão direito, atingido pelo mal, o *Silvestre*, como êle mesmo o frisara, se encontrava em melhores condições que qualquer dos outros estabelecimentos hospitalares onde eu me pretendesse internar.

E assim, optamos todos pelo *Silvestre*.

* * *

Em seu apartamento, à proporção que o tempo passava, minha ex-espôsa ia ficando a par de tudo quanto ocorria, contado por Albeniza, sempre assistida pelo boníssimo Dacheux.

— Eu sei que a viagem é longa, assim como sei igualmente que seu marido se encontra numa encruzilhada difícil, senão penosa...

Aqui há uma pausa, ao mesmo tempo em que os olhos da moça começam se encher de lágrimas, que lhe umedecem a face, descolorindo-a...

— Não é isso! Que é que adianta chamar-me, se nos mantemos desquitados e nenhum recado parte diretamente dêle para mim? Demais disso, lhe esclareci, em nosso último encontro, aborrecida e magoada, que preferiria ficar com minha família...

— Desculpe, então — esclareceu, mais um vez, a repórter. Não sabia, ou melhor, não tinha a menor idéia de que as coisas entre vocês dois estavam nesse pé!

Aí houve um instante de silêncio e constrangimento, quando ela resolveu indagar meio nervosa:

— Mas, então, o diagnóstico do professor é mesmo êsse? Meu ex-marido se encontra vítima de um câncer pulmonar?

— Além de alterações cardíacas, isto é, da repolarização ventricular! Esclareceu-me o Dr. Feldman!

E mais uma vez as lágrimas lhe inundaram os olhos, pondo de lado tôdas as mágoas e ressentimentos que acaso houvesse.

— Que dizer à minha filha, que lhe quer tanto?

— Mônica o venera com tôdas as fôrças de seu coração! — repete,

E aduziu que o amor das espôsas urge ser forte, mas pode igualmente ser material e ciumento; o do irmão pode ser muitas vezes invejoso; o do amigo, corroido pela inveja. O da filha, entretanto, assim como o do pai, no caso, sempre foi desinteressado, perfeito, puro...

— E agora?

Indagou, como já se encontrasse sózinha, num futuro tristonho, não mui distante!



Eis a Mônica, em sua fase estudantil

objetos: uns, aqui deixados, como esta vitrola; outros, daqui retirados e perfententes a êle. Não sei por que, nunca êle me disse nada, mas não conse-

A jornalista, mais uma vez hábil e, sobretudo, feminina, se arrisca:

— Você o ama?

— Que lhe adianta responder a isso se chegamos ao fim de um romance que começou tão bem! Casamo-nos por amor, porém, minha família nunca deixou de se envolver em nossas vidas e em nossa casa, chegando hoje a gozar da intimidade dela, como poderá verificar pelos

guimos, em nenhuma fase de nossa vida íntima e sentimental, evitar tais ocorrências... Parecem criadas pelo Destino!

— Qual o quê! — prossegue Albeniza. — Seja corajosa e una-se a êle, como é de sua obrigação, segundo o compromisso que assumiu, no altar. Com perseverança é que ambos vencerão! O amor tudo pode, e chegará o dia de eu voltar a vê-los como até então viviam, felizes e contentes! Não seja bôba, deixando que lhe tomem tudo, até mesmo o marido! Quando todos tiverem as suas vidas normalizadas, você será a única a viver sózinha, envolvida por um arrependimento tardio e irreparável. Sua mãe, embora boa, amiga e trabalhadeira, não durará tôda a vida.

— E sua filha?

— Suas irmãs a querem para ferí-lo! Humilhá-lo!

E abraçam-se as duas almas num silêncio em que os corações falavam mais alto do que tudo ali à volta.

— Dacheux, coitado, também necessitando de consôlo, o buscava únicamente em seu lenço, já bastante úmido, desde que soubera de meu caso... Agora, eram três a chorar, olhando um para a cara do outro...

Soube mais tarde que Dacheux soluçava tanto, que lembrava até o Stan Laurel... O magro das comédias...

Até que passados mais alguns instantes, a ex-espôsa, emocionada, com os olhos cravados no chão, acentua em tom mais firme, numa atitude grandiloquente e nobre:

— Como quer que seja, Albeniza, sinto-me satisfeita por tanto esforço em prol do restabelecimento dêle. Afinal, são excelentes, tanto o Hospital que escolheram, como o Cirurgião... O Dr. Bergher, diretor, já lhe fôra gentil, e o Dr. José Feldman lhe olhará o coração, como ótimo cardiologista...

— Acontece — brada mais uma vez — que êle não está bem! Além da saudade da filha e de todos, desgastado pelas emoções e providências intermináveis, apresenta-se agora com crises hipertensivas, com a pressão arterial em torno de 200! Sua glicemia já chegou a 225 mgrs % (o normal é de 90 a 120 mgrs %) e o tempo de coagulação se encontra aumentado para onze minutos e meio! O Dr. Pernambuco já frisou que nessas condições não o operará, visto como pode ocorrer uma descompensação! E êle não está para isso, foi textual.

— Então deve ser grave demais! Seus parentes, inclusive, devem ficar a par de tudo!

— Não podem permanecer indiferentes!

E continua com irrisão e veemência:

— Por que todos querem matá-lo? Qual o seu crime? O de possuir conhecimentos? Ser modesto? Desejar manter, com pé firme, a sua dignidade? O seu lar? A fronte limpida? A consciência diáfana?

— Que gente indiferente e fria!

— De minha parte, mantendo a esperança de que, ao revê-la e à filha, tudo nêle se normalizará... Ele já se decidiu firmemente pela operação. Não viverá na dúvida, em meio a tantas opiniões divergentes! Haja o que houver! Operar-se-á!

E assim Albeniza justificou a sua ação, inclusive a sua presença, ali, naquela manhã meio escura, ainda de sol escondido...

Quatro dias depois, o meu distinto colega, chefe e dono de laboratório de pesquisas, antigo aluno do Instituto Osvaldo Cruz (Manguinhos), Dr. Murilo de Sousa Santos, me dizia que aquela dieta rigorosa que eu fazia por minha conta estava a produzir resultados. Assim como a medicação que usava à base de vitamina K, pois tanto a glicemia (açúcar no sangue), como o tempo de coagulação já andavam quase nos limites da normalidade. Antes, já me sentia eu satisfeito com a velocidade de hemossedimentação, bem como o resultado do PPD, feito no Hospital Rocha Maia, assistido por Murilo Capanema e Luiz Samis, dois velhos companheiros do grande time da torcida a meu favor.

Até o Afonso Zuggiani se oferecia, em sua especialidade!

Aprazia-me sentir o interesse e a cooperação dos colegas aqui citados! E deixar para trás apenas um olhar de tristeza para alguns parentes, do mesmo sangue, indiferentes à minha sorte, por defeito de orgulho e formação! De fato, os laços de sangue, não confirmados pelo espírito, de nada valem!

Felizmente os novos exames feitos pelo Dr. Murilo, agora, já se revelavam, exceto a dosagem da glicose, nos limites da normalidade. Eis a prova:

N.º 221.964.

Nome: Dr: Deoclécio Dias Machado Filho.

Exame: Sangue — Uréia, Glicose e Tempo de coagulação.

Médico: Dr. Paulo Pernambuco.

Resultado:

Tempo de coagulação — *Seis minutos* (Método de Lee-White). (O anterior marcava onze minutos e meio!)

Uréia — 35 mg % — Método Fotocolorimétrico de Barker. (Normalizada!)

Glicose — 131 mg % — Método Fotocolorimétrico de Folin-Wu (Quase normalizada, próxima de 120!)

a) Dr. Murilo de Sousa Santos.

Rio, 28-11-1964.

Os três resultados, sem dúvida alguma, haviam melhorado.

Passei a alimentar-me apenas de saladas de alface, tomate, agrião e proteínas, numa abstenção total de açúcar, para o terceiro exame, além de vitamina K e outras mais, necessárias à minha resistência física, numa preparação enérgica para a grande luta contra o bisturi!

Já agora me encontrava no Hospital Silvestre, faltando poucos minutos para a grande batalha decisiva, numa manhã de dezembro, plena de luz, tendo à minha direita a imagem do Cristo Redentor, a entrar pela janela; e, à esquerda, a varanda onde se descortinava o esplendor do perfil da Baía da Guanabara. Sómente minha acompanhante, nesta hora, se revelava preocupada e inquieta, sem perceber o encantador cenário que nos rodeava, inclusive os belos jardins bem cuidados, onde a alvura dos bancos contrastava com o variegado da grama, onde, aqui e ali, repontavam belíssimas roseiras em vários tons, acáacias, enormes violetas, tudo plantado com gôsto e simeleza e rodeado de imensas e soberbas casuarinas.

Mais além, as montanhas, com o seu profundo silêncio, tocando a imensidão dos céus!

* * *

Recolhido ao meu apartamento, tive a impressão de me encontrar num Hospital de Metodistas, como anteriormente esclareci, impressionado com o excesso de ordem e de métodos...

Seria isso, metodista? Não poderia ser!

— Que ignorância! — ri-me de mim mesmo!

Haveria eu de me preparar, antes da intervenção que se seguiria, para umas nebulizações à base de Tergentol e para o exame eletrocardiográfico feito pelo Dr. José Feldman, com quem já eu militava em outros setores.

Mais tarde, vim a saber que o Dr. Edgard Mário Bergher, o diretor, era Adventista do 7.º Dia, e que, em torno de sua religião, andava eu enganado.

— Sempre foi metódico — brincou um de seus assistentes.

— Na religião, adventista...

— No ideal, um cientista...

NO LIMIAR DO OUTRO MUNDO...

E até quase à alta permaneci assim, otimista, principalmente quando, pela manhã, bem cedinho, às vésperas da operação, um sacerdote simpático, de estatura meã, aparentando uns quarenta e cinco anos, com bons dentes e fortes, cabelo à catedete, indagava-me, chegando à porta, se podia visitar-me:

— Claro que podia!

O limpíssimo colarinho branco, engomado, sem gravata, era a única peça que o revelava diferente, sob o discreto terno escuro.

— Seria aquêle o Capelão que, momento antes, dirigira um côro de vozes, parecendo trazer o Céu, ali, onde me encontrava? E a que veio juntar-se o contracanto de minha acompanhante?

— Seria aquela uma manifestação de fé? Ou um pedido, como gostam os Santos se faça a Deus, que sabe o que convém? Desejaria eu confessasse ou comungasse, abrindo caminho para o outro mundo?

Em meu espírito a dúvida pairava.

No alto, o Redentor se erguia como testemunha do que se seguiu entre nós dois, após uma

série de diálogos iniciais. Mais adiante, êle de punha, depois de uma torrente de indagações:

— Como pensa o senhor Pastor?

“Quando Deus se manifestou criando Seu Universo, tirando-o do Nada, teve um plano, e êsse plano é a evolução. Por Amor Êle expandiu Sua Consciência; e os séres d'Êle provenientes, possuem potencialmente tôdas as Suas qualidades, porém suscetíveis de desenvolvimento. Por isso dizem:

“Em nossa íntima essência, somos aquilo que Deus é.” “O reino de Deus está dentro de nós.”

E prossegue:

Há, porém, uma grande diferença entre a semente e a árvore, embora a árvore esteja potencialmente na semente. O homem está encerrado no embrião materno; não possui nenhum de seus podêres, mas estão todos latentes no embrião, para futura manifestação. Assim, também, o Universo inteiro, com tôda a sua grandeza, os sóis e seus planêtas, seus mares, rios e florestas, os reinos da natureza e o homem, são partes do Criador e n'Êle vivem eternamente, manifestando-se apenas como multiformes expansões de Sua Consciência, que tudo permeia e a tudo ultrapassa.

Quando o Universo surge como exteriorização da Vontade de Deus, Êste fecunda a Matéria Virgem, que, estimulada pelo Seu Poder, dá origem ao movimento. O movimento produz som, e o som cria a forma. Vida e Forma, Espírito e

Matéria, constituem o primeiro par de opositos dentro de uma Unidade Real, da Vida manifestada, e é a origem de tudo quanto existe. Daí em diante, as almas, que são partículas do Criador, — do Eu divino — iniciam sua involução, isto é, sua descida à matéria; nesta manifestam e desenvolvem seus podêres, pois, como o Pai, também são onipotentes, onipresentes e oniscientes em qualquer tempo e em qualquer espaço. O tempo e o espaço resultam do aparecimento da forma. Mesmo nas concepções mais elevadas e transcendentais da manifestação da Divindade, desde o instante em que o Pai manifestou aquela parte de Si Mesmo, emanada por Seu Poder Criador, mantém o Universo durante um determinado tempo e dentro de um espaço delimitado pela Sua Vontade, unido pelo Seu Amor e movimentado pela Sua Atividade Criadora.

Está, portanto, o potencial ser humano já em manifestação. Embora ainda no período da involução, quando a centelha divina anima o reino elemental, depois o mineral, em seguida o animal e afinal o humano, esta centelha já é o ser humano em miniatura. Através da evolução das formas incentivadas pela Vida, a Centelha, que contém em Si tôda a Sabedoria, Poder e Amor de Deus, é a fôrça propulsora que imerge na matéria, modificando-a sempre e sempre e imprimindo-lhe novas qualidades; e assim transforma

lentamente a pedra em planta, a planta em animal, o animal em homem e o homem em Deus.

— Não se esqueça de que no princípio era o Nada...

— E não havia laboratórios, nem energias ou átomos...

E, quanto mais perguntas eu fazia, tanto mais ele respondia, eu sempre gravando:

— E' o eterno círculo da Lei da Evolução, a serpente revolvente, o descer e subir a escada de Jacó, a limitação do espírito na matéria, e em seguida a sua libertação do jugo da matéria. É o “crescei e multiplicai-vos”, a expansão e retração da mente de Deus dentro da manifestação de um Universo; é, de certa forma, uma encarnação da Divindade.

Divinizada a matéria após a manifestação de Seu Universo, esta volta ao seu estado primitivo, à pura virgindade; e as almas que nela fizeram sua evolução, são novas fontes de Amor e Sabedoria; são deuses despertos para novas criações.

Como é belo conceber Deus qual um Sol Central, a expandir luz, força, som e movimento! Existindo na Sua manifestação, descendo em todo o período da involução dêste universo, sem contudo se misturar com Ele e mantendo *livre* o Poder de Sua Criação! Como é lindo imaginar as almas por Ele criadas, fazendo sua evolução em todos os reinos da natureza, mantendo também

sua consciência plena num plano mais alto, à espera de que sua ação na matéria a espiritualize e sua volta ao Criador seja tal qual a do filho pródigo que retorna ao seu lar. A parábola do filho pródigo é bem a descrição perfeita da vida da alma que, imersa na matéria, corre mundos, desvia-se da senda reta, contorna montanhas, atravessa mares, fere-se em matas virgens; mas um dia, exausta e arquejante, descobre que um fio de ouro a liga à sua verdadeira morada, à sua origem. E então encontra o caminho estreito da espiritualidade. E vida após vida, etapa após etapa de sua evolução, retorna a si mesma, repleta dos poderes adquiridos pela experiência individual, unida e separada, mas já consciente de sua sabedoria e poder.

Unida, porque já realizou a ascensão alegorizada na Bíblia pela “Escada de Jacó”, que significa a passagem de reino em reino até chegar ao humano, e o seu aperfeiçoamento individual, como homem, a agir conscientemente em todos os planos da natureza, desde o físico até o mais elevado e espiritual, embora dentro ou revestido de seu corpo de carne. Para alcançar sua máxima evolução, é mister que o homem domine a matéria em todos os seus estados e seja capaz de ter a visão do eterno e do real, mesmo ainda na personalidade mortal e humana, ilusória e perecível. Eis por que, embora seja árdua a tarefa do ser

humano preso ao plano físico, sua encarnação é sempre uma bênção divina.

O Centelha Divina habita os planos espirituais, mantendo contato direto com Deus, permanecendo ao lado d'Ele. Ela envia uma partícula de si mesma para os mundos inferiores, e constitui no mundo do pensamento uma individualidade separada, conhecida como Eu Divino, que, de tempo em tempo, toma uma nova personalidade, constituída de veículos denominados mental, emocional e físico. É esta personalidade que se manifesta na terra, conhecida como "vale de lágrimas", porém que mais propriamente deveria chamar-se "terra da promissão".

É a terra da promissão, porque é só por meio de continuas passagens pelo mundo físico que a alma aprende a libertar-se d'ele. Só depois de colher neste mundo os seus racimos ou frutos opímos, que são todas as experiências espirituais necessárias, e de não mais se sentir atraída pela matéria d'este mundo, que ela se "salva" e se liberta da cadeia das ilusões e sofrimentos.

Esse Eu, como individualidade reencarnante, é revestido de um corpo permanente, conhecido pelo nome de "causal", porque registra todos os efeitos e contribui para o aparecimento de novas causas. Esse corpo, que no início de sua evolução é incolor e sem expressão, torna-se vida após vida, cada vez mais belamente colorido e glorio-

so. É no mundo d'esse Eu que a personalidade registra as suas experiências, tornando-o após cada encarnação mais luminoso e mais consciente.

O Eu crístico — que vive em nós — é um raio cintilante da Centelha Divina, sendo dela apenas um reflexo e possuindo igualmente os três poderes divinos, que são: Vontade, Amor e Atividade Criadora. Assim como a Centelha não pode se expandir em seu próprio plano, porque ali não existe matéria inferior para ela adquirir as experiências necessárias à sua evolução, o Eu Interno também não pode conquistar as qualidades necessárias ao seu desenvolvimento no mundo em que habita, por ser este um composto abstrato dos elementos espirituais: Inteligência — Intuição — Vontade. Ele se reflete numa personalidade constituída de elementos materiais: um mental, um emocional e um físico.

Essa personalidade é o ser visível, ao qual chamamos homem, porém que é apenas um reflexo do verdadeiro Homem, do Eu Superior, residente nos planos superiores, e do qual a personalidade é simplesmente uma servidora nos planos inferiores. Seu papel é muito importante, porém, separada de seu Eu Superior esquece-se de que tem um Pai relativamente próximo, e cai em tantos erros e decepções! A presença do Eu crístico Interno em todo ser humano é tão real como o é para nós a personalidade visível e sensível. Ele

está sempre interessado em sua imagem refletida no mundo da ilusão, neste mundo de irrealidades, construtor de carmas, perturbador de suas energias, mas ao mesmo tempo construtor de novas personalidades em cada encarnação, sendo elas mais ou menos perfeitas, servindo para a sua nova manifestação no mundo físico.

Há uma suposição errônea de que o ser humano não tem guia, e só quem possui uma fé em algum santo ou protetor é ajudado nas horas difíceis da vida. Não é assim. Qualquer que seja a religião do homem, possua ele ou não fé ou crença em Deus ou na imortalidade da alma, sua Alma é imortal e o seu Eu Interno está presente. Portanto, o seu deus ali se encontra.

Por mínima que seja a possibilidade da personalidade, a todo momento em que ela se eleva por amor a alguém, por ato de altruismo, pela prática de uma virtude, ou por um sentimento natural de unificação com outrem, seu Eu expande seu corpo causal, e uma luz o envolve e glorifica, embelezando sua vida e aumentando o seu poder.

Se todo homem soubesse disto de maneira inteligente, jamais incidiria em crimes e perturbações tão sérias, por influência de terceiros, ou mesmo como resultado de seus carmas anteriores. A chamada do Eu se assemelha à chamada do filho pela mãe. Esta, em qualquer lugar onde

ele se encontre, está presente. A mãe acompanha o filho a toda parte; assim o Eu cristico acompanha sua personalidade, o qual jamais desaparece enquanto ela existir.

É mister saber a gente aproximar-se desse Eu, para que o sofrimento neste mundo seja menos cruel, e isto só poderá acontecer por meio de um estudo claro da constituição do homem e de seus veículos, e de sua relação com esse Eu, que era integral em Jesus.

Quanto maior fôr a ligação entre a personalidade e o Eu, maior será a do Eu com a Centelha Divina, a verdadeira Alma, e então esta voltará ao seio do Pai, pura como partiu, mas consciente de seu Poder, Amor e Atividade Criadora, outrora latentes em si.

Este é o objetivo da evolução. Pergunta-se freqüentemente: "Se a alma é pura ao emanar de Deus, se ela já contém em si todas as qualidades, qual o motivo de sua descida à matéria, vítima de uma tão grande limitação, para depois se libertar e voltar novamente ao mesmo ponto de partida, ao seio do Pai? Mas, como poderia a criança, inocente e pura, realizar o que realiza um ser adulto, sem passar por todas as experiências do mundo físico? Por mais grandiosa que seja a alma da criança, ela nada poderia fazer se, encarnada neste mundo, fosse educada num ambiente em que nenhuma experiência pessoal ob-

tivesse. Cresceria pura e bela, mas incapaz de servir e de ser útil.

A criança, como alma já experiente, possuiria em si, latentes, tôdas as qualidades e teria anseio de se manifestar; mas o limite criado pelo ambiente puro em que vivesse, restringiria os seus podêres de manifestação, impossibilitando-a de ser útil à Humanidade da qual faz parte.

Da mesma maneira, a Alma, emanada do Criador, pura e simples, não tendo jamais habitado os mundos inferiores, nem trabalhado com a matéria mais grosseira dêstes mundos, não poderia compreender suas necessidades, nem teria mesmo consciência de sua existência.

Além disto, em essência, a matéria é o próprio espírito pôsto em movimento; às almas cabe o dever de, imersas nela, trabalharem em seu benefício, dando-lhe as qualidades que possuem latentes, herdadas de seu Pai. (Em nosso íntimo ser, somos aquilo que Deus é.) A visão do divino é fruto da manifestação da Alma, fazendo sua evolução através da matéria circunscrita pelo Pai, e esta deve ser aproveitada e modificada pelas almas que nela habitam. Cada alma é como se fôra um arquiteto, e, cada uma, em qualquer período de sua evolução, está construindo algo, está colaborando com Deus no Seu maravilhoso Plano.

Éle é o Divino Artífice. Sua mente cria, como dizia Platão, os arquétipos divinos, e todos os seres, humanos ou não-humanos, são trabalhadores

ativos na Sua Construção. E tudo fêz a partir da Luz, oriunda da sua Vontade.

— “Faça-se a Luz!” — esclarece a Biblia!

Este é o objetivo da evolução. Porém, como poderia a alma, numa única existência, que dura em média cinqüenta ou sessenta anos, realizar esta façanha gigantesca? Se, para chegar ao reino humano, ela levou milênios, depois de se tornar homem, como lhe seria possível conquistar numa única existência as experiências que tem de adquirir em cada raça e sub-raça em que tem habitado, habita e ainda habitará neste planeta? Vemos que é só através de encarnações continuas que ela poderá realmente ser uma colaboradora de Deus, em Sua maravilhosa Obra”.

— Gostou? No meu ponto de vista, o homem é que se salva a si mesmo pelo arrependimento e pelas obras. Pela fé e pela mistica! Das quais a caridade é corolário!

— Muito obrigado — agradeci-lhe.

— Seja feliz em sua operação, é o que lhe desejo. Não sou o Capelão dêste moderno nosocomio, mas um simples pastor de almas, amigo e consolador dos doentes, de quem me considero um irmão, dentro dos princípios que expus.

— Aqui me encontro a pedido de sua acompanhante, quando da visita ao paciente vizinho, muito grave, vítima de um câncer... Eu e êle somos da mesma religião... E amigos...

— Mais uma vez obrigado!

MINHA RESPOSTA AO PASTOR

Ele já se erguera.

— Fique mais um bocadinho — supliquei-lhe. E o Pastor novamente se acomodou. Permanecemos inteiramente a sós, pois a companheira de quarto fôra visitar uma senhora ao lado, de aparência alegre e jovial, cujo marido já agora saira da mesa de operação, ainda sob os efeitos da anestesia.

Depois de me alongar sobre minha concepção em torno do chamado “pecado” — êrro — ingressei no problema evolutivo do homem propriamente dito. Sim, ele já digredira sobre a Origem e a evolução do Universo. E até me dera muita coisa escrita. E’ claro que não poderia memorizar tanta coisa!

— E que pensa sobre o problema religioso moderno? — indagou-me, novamente!

— Esclarecerei, se me fizer críticas — frisei. E prossegui:

— O que no indivíduo humano e hoje, a criança, leva uns poucos anos — da concepção ao despontar da consciência — deve ter levado o ho-

mem no plano de evolução da raça, vastíssimos períodos, numerosos milênios, imensas eternidades; pois é sabido que a história do indivíduo é a recapitulação sumária da história da raça, depois de criado o Universo — cujo inicio o senhor tão bem conhece. Realmente, tudo começou a partir da Luz, como disse.

— Antes — continuei — que aquél ser humanizável se humanizasse e se tornasse um Adão (Adi-Aham — Adão — em sânscrito, quer dizer primeiro Eu), vivia élle no “Éden”, lindo jardim.

Note-se que fôra o próprio Deus que criara também êsse magnífico Éden, plantando a natureza virgem, e não o homem, porque o infra-homem, antes de atingir às alturas do Eu (da inteligência pura), não plantava nada; só colhia o que a natureza produzia espontâneamente, como até hoje acontece com todos os seres infra-humanos — e, em parte também, com certos seres humanos de baixa evolução.

Neste estado primitivo, com admirável precisão a verdade simbólica, diz a Bíblia que era o homem inocente e impecável, porque não comera o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que ainda lhe era vedado. O quase-homem (Adi-Aham) não possuía ainda consciência suficiente para discernir os atos éticamente bons e maus, como nenhum dos seres infra-humanos de hoje a possui; nem a criança é capaz de distinguir

o que é moralmente bom ou mau, o que é virtude ou que é vício, porque ela ainda vive no Éden interno, vamos dizer assim.

Nesse estado primitivo vivia o homem em completa nudez, quando encontrou Eva (que quer dizer *reflexo*).

— Não falemos aqui de suas curvas — sorri. E o Pastor, também.

— Sou casado, respondeu.

— Ótimo — consertei.

— Quando o homem começou a ultrapassar este estado edênico, despontou nêle o senso do pudor, o que os dois procuraram disfarçar, usando folhas de parreira nas partes sexuais, externas, vestimentas mais tarde substituídas por peles, e, hoje, por tecidos modernos, estampados. É Evolução.

Pela “árvore do conhecimento” sobe então a “serpente”, isto é, a consciência intelectual, que o homem não possuía, embora nem sempre hoje chegue a atingir o ponto culminante da árvore, localizada no tópico da coluna vertebral, onde se encontra o bulbo e o cerebelo (onde se desenha, interiormente, a árvore da vida): para alguns o grande “centro cósmico”, ponto de contato entre o céu e a terra, entre o homem e Deus, entre o Finito e o Infinito. Projeto para diante, fica entre as sobrancelhas. Em Medicina, o cerebelo é órgão coordenador dos movimentos, no homem.

É o ponto que devemos fitar quando rezamos, pondo-nos em contato com o Infinito.

Se a "serpente" atinge essa altura, deixa de ser "rastejante" para transformar-se em "serpente exaltada" a que Jesus se refere, lembrando Moisés na península arábica, onde ele a "ergueu". Tornar-se religioso, místico, ético, é "exaltá-la".

Por isso é que, em tôdas as literaturas do mundo, é a serpente o símbolo clássico da inteligência, ou seja, da consciência individual do Eu. Sobre as nossas farmácias e nas Faculdades de Medicina vemos a serpente enlaçando o cálice, quer dizer: a inteligência oferecendo o licor da vida e saúde; ou seja: saúde e vida pela ciência intelectual da Medicina.

Também Jesus recorre a êsse simbolismo, quando diz: "Sêde inteligentes como as serpentes, e simples como as pombas".

Dai, no plano da "serpente rastejante" haver problemas insolúveis — porém no plano da "serpente exaltada", sómente luz, beatitude, felicidade, paz.

Quer isto tudo dizer que, quando o homem primitivo acabou de transpôr a fronteira de sua antiga subconsciência e chegou à zona ignota da consciência intelectual, serpentina, — viu-se expulso do Éden. Ele mesmo se expulsa, na presença de Deus, imanente em tudo, — e tudo ultrapassando — das trevas de seu subconsciente para a luz ma-

tutina de seu Eu-consciente. Isto é, cai num mundo de espinhos e abrolhos, que é o que caracteriza esta fase evolutiva. Sua felicidade é apenas aparente. Existe um Gólgota na escalada de todos!

Após a expulsão do paraíso terrestre, tinha o homem de ganhar o seu pão, pois no mundo edênico do infra-homem não havia trabalho: colhia apenas o que a natureza lhe prodigalizava.

— Ainda não havia lido nada sobre isso. Continue — pediu o Pastor.

— Estarei certo?

Embora o homem saiba que a "serpente exaltada" é que cura as feridas infligidas pela "serpente rastejante", ele luta contra a razão espiritual ou *crística*, onde se encontra o perdão, o amor, a humildade, enfim, todos os estados que caracterizam a formação de Jesus, o filho de Deus, feito homem. Prefere o homem aceitar o que lhe dita a consciência intelectual: "Porei inimizade entre ti e a mulhér, entre teu descendente e o descendente dela; ele te esmagará a cabeça; e tu, porém, armarás ciladas ao calcanhar dêle". Há uma porta estreita ou um fundo de agulha para o homem atravessar, nesta passagem serpenteana.

Do homem velho para o novo. Renascido pelo espírito.

Penso, assim, que nestas poucas palavras está resumida a história multimilenar da evolução do bruto ao homem intelectual, rumo ao homem ra-

cional, cristico, perfeito, puro e imaculado, de amanhã. Que também fecundará pelo Verbo. O grande drama iniciado por Lúcifer ou Demônio, que outra coisa não é senão a própria inteligência, sempre a serviço de si, das ambições e vaidades pessoais.

Egresso da meia-noite da impecabilidade, por ignorância, atraso, involução, ascenderá o homem um dia à luz da pureza, cujo maior exemplo é Jesus de Nazaré. Completará assim a sua longa jornada evolutiva rumo a Deus, donde veio e para onde terá de ir, livre e espontâneamente.

— É assim que penso, meu Pastor. Todos trazemos em germe, há milênios, o potencial de nossa evolução! É o que meu estado de espírito, sacudido por esta doença, me manda ditar...

— E quanto tempo levou o senhor a estudar esse problema? — reinquiriu-me.

— Depois eu conto... Houve um homem sábio, de vida eterna, que me ensinou...

— Pela persuasão, fêz cair até os espinhos das roseiras! E inundou o chão de pétalas!

— De tão espiritual, os três reinos lhe obedeciam!

— Desta sorte detive-me no que se poderia considerar o “fino” em assunto de sua preferência, em que o problema — religioso — foi levado ao máximo em suas excogitações. Nada faltou na formulação do tema. E as volutas de seu pensamento subiram tão alto que me fizeram pensar já ser

o ilustre Pastor um dos integrantes da chamada Religião Universal, presente ao espírito de muitos — inclusive tenho certeza, à claridade do seu.

E prossegue:

— Ouvi as considerações sobre o Amor. E o fecho, para que “possamos atingir todos os fins elevados, previstos pelo coração universalista de João XXIII”.... Seu coração, vê-se, é igualmente universalista. Todavia, a desejada *Fraternidade* caberá melhor quando fôr compreendida a Religião Universal — que terá no amigo um de seus melhores arcebispos, pelo que vejo e sinto...

E descambei para estoutro caminho, trilhado na Universidade do Espírito, que gosto muito de cursar... Pois estava ao lado de outro bom colega que começava, como eu, onde termina a Medicina.

Fui obrigado a confessar-lhe essa minha Religião, nesses meus quarenta e poucos anos de segredos...

A Religião que lego à minha filha!

Tal crença é que revelará ao homem a necessidade de ampliar infinitamente a sua personalidade finita, pelo conhecimento desinteressado, pela ação generosa e pelo Amor — a principal substância de Deus. E será exatamente ela que unirá o homem pela ciência — outra filha de Deus: para a compreensão de todo o real; pela arte, alegria libertadora ao contato de tôdas as belezas;

pelo Amor, sobretudo amor a tôdas as criaturas, por todos os sêres e por tôdas as coisas numa fraternidade universal!

“Amai-vos uns aos outros!”

Essa mesma Religião que também proclamo minha, querendo solidéu igual, — a cõr não importa — unirá os homens entre si, fora e dentro do Parlamento das Nações, onde tremulará a bandeira de tôdas elas... Surgirá, então, uma justiça radiosa, por acôrdo pacífico das liberdades. Ela colocará no alto da vida humana, na cúpula da *Vida Universal*, a ação generosa e alegre pela qual o individuo exprimirá sua compreensão pelo Universo, nêle trabalhando para realizar a justiça e a paz entre os homens.

No dia em que essa Religião fôr criada, eu e o Pastor substituiremos o nome de tôdas as igrejas, que passarão a denominar-se: *Templo da Humanidade*.

Gravar-se-á isto, no frontispício delas.

O culto, em tais recintos, creio, tomaria uma forma análoga à dos que se vêem em certas igrejas protestantes liberais — porém, com mais obras de arte, cedidas pelo Estado, auxiliar do homem na direção a Deus, ou a Jesus, seu filho feito carne.

Entoar-se-iam cânticos parecidos com os cânticos cristãos, sem excessos de misticismo.

, O canto supremo poderia ser o Final da Nona Sinfonia de Beethoven.

O pregador, — eu, por exemplo, em certa manhã de sol, derramando luz pelas encostas dos morros do sul iguaçuano onde nasci, — tomaria por tema esta ou aquela palavra de Buda, de Confúcio, de Zoroastro, a Bhagavad Gita (Sublime Canção), que acabei de ler todinha. Colheria, igualmente, esta ou aquela idéia de um moralista japonês, de um profeta de Israel, de um filósofo grego, ou de um santo muçulmano. Se bem que as palavras de Jesus, conforme você mesmo sabe, tudo resume em Amor e Sabedoria, poderíamos ceder a vez a seus precursores... Sócrates, Hermes Trismegistus, Sidarta...

E assim, que belos sermões não iríamos pregar, eu e o Pastor! Eu, por exemplo, iria tirar do *Livro dos Mortos* egípcio, o capítulo: “*Nunca fiz ninguém chorar*”, embora o tenha feito a algumas, mas reconhecendo erros meus, para mostrar os alheios... Ou, então, “*Tu és isto*”, dos brâmanes. Ou ainda: “*Se o ódio responde ao ódio, como o ódio acabará?*”, de Buda.

Isaias também seria lembrado em “*As nações não aprenderão mais a guerra*”.

E o amigo, se quisesse, com a sua autoridade, poderia discorrer sobre o perdão concedido por Jesus à adultera, coisa que ela nunca desejou ser, vista pelo Mestre. Ou porque o perdão a Dimas — o bom ladrão — no Calvário...

Para o A. Pimenta de Moraes, que me fêz o elogio da capa, depois de convertido, como poeta, faria a sua iniciação baseado na fórmula baháista: "Todos os homens são gôtas dágua de um mesmo mar, fôlhas de uma mesma árvore; ou, muito simplesmente, lhe dariamos um trecho de encantador drama lirico japonês: *"Mesmo para um mendigo cego permanece o perfume das rosas"*...

Ele gostaria imensamente. E voltaria.

Por estas considerações, vê-se então que só se deve trocar uma religião por outra mais alta, como a *Religião Universal*, — esta que lembro aqui, enférmo, com o seu testemunho. Porque, como estamos vendo, a sua mesma, praticada com Fé e Amor engrandecidos, poderá servir. Do mesmo modo afirmo que não se deve renunciar ao consôlo e à exaltação proporcionados por uma crença, senão para adotar uma fé ainda mais encorajante e mais enobecedora.

Desta sorte, esta dita Religião Universal, cujos elementos seriam emprestados de tôdas as religiões particulares, de certo proporcionaria uma fé superior a cada uma delas; superior em relação à verdade; em dilatada inteligência; em espírito de justiça e de paz, em amplo Amor — como lhe falei no início dêste, a principal substância de Deus, o princípio do equilíbrio nos espíritos, da harmonia universal, Amor que, uma vez longe dos nossos

corações, responde por todos os sofrimentos humanos.

— Que acha desta minha nova religião, a *Universal*? Herança que deixo à minha filha, para que prossiga, estudando-a.

— E destas minhas idéias?

— Merecem meditadas — aduziu o Pastor.

— Esta operação o conduziu ao limiar do outro mundo, pelo que se vê...

A manhã, agora, está bela. O céu azul. Límpido. Como em todos os fins de primavera...

À hora aprazada, exatamente em 31 de novembro de 1964, próximo ao aniversário de minha irmã, Maria José, o anestesista José Carlos da Maia, caprichosíssimo, em sua sala, assim como João de Deus e Brito, o auxiliar do Dr. Pernambuco, se mostravam preparando suas peças; aquêle, às voltas com litros de sôro, seringa e máscara; êste, com suas luvas e instrumental, mas, mesmo assim, pressenti, já sob o efeito das injeções que me aplicavam, que minha companheira apresentava qualquer anormalidade, passara mal, depois de ouvir dos lábios do Dr. Pernambuco, — o que vim a saber depois — a negação da certeza de que não se tratava de doença grave. Tivera uma lipotimia emocional, socorrida ali mesmo pelo meu cirurgião. Uma vez restabelecida, é ela mesma agora quem conta para Albeniza e Dacheux, entre um e outro solução de espera, o lenço dobrado entre os dedos:

— Quando êle obtiver alta, não o largarei mais... Este sofrimento por que passo agora está me dando bem a medida do quanto o estimo e quero... Casar, agora sei, é desejar um ambiente sagrado entre os sêres! E' algo sublime, sério,

que tende para o aperfeiçoamento do Amor, através do qual se começa, a dois, a marcha para Deus, num fortalecimento de sua Obra...

— É preciso que você não deixe seus pais se envolverem em suas vidas... — aconselha Dacheux. E' hábito que urge ser extinto...

— É bem provável, até, — interveio a inteligente amiga e jornalista — que tudo isso haja sido encomendado por Deus, que age direito por linhas tortas...

O encanto da flor, as mais das vezes, se esconde por trás de muitos espinhos...

— E lhe agradeço, também por havê-lo feito voltar, permitindo-me demonstrar até onde eu e minha filha dêle necessitamos!...

— Quem não cometeu seus êrrros que atire a primeira pedra...

Horas depois eu acordava, ouvindo ainda aquelas meias-vozes femininas ricas de promessa para uma vida futura melhor, mais cheias de vida, calor e compreensão.

Súbito, entra o Dr. Pernambuco, para a primeira visita, e eu alegre com o que meus ouvidos colhiam, ainda no ar. A seguir chegaram outros, com o polegar voltado para cima...

— Meu querido mestre, que troço bacana é o *carcinoma*! Dorme-se o tempo todo! Sem falta de ar!

Ao que ele, já despojado das vestes cirúrgicas, corrige:

— *Tuberculoma*! Não disse a você, no Casão, — denominação que o Dr. Pernambuco emprega ao Hospital Carlos Chagas — que eu jogaria, com a minha experiência, naquele ceboloma? O Claudio Lemos, também do Silvestre, acaba de me confirmar isso, agora, através do exame histopatológico, em corte por congelação...

— E o *tuberculoma*, você sabe, é benigno...

— Meus parabens! E pela acompanhante, uma grande amiga sua! Vi-lhe os sofrimentos! E angústia!

* * *

Nessa altura, a mulher não se contém de alegria. Pegou-me com jeito e beijou-me nos lábios, sem dar a menor importância àquelas sondas que entravam e saíam pelo meu nariz...

Renascia eu assim para a Vida, restabelecido para lhes contar tudo isso...

— Obra do Acaso ou do Destino? — indagaria aqui, neste final, meu velho amigo Dr. Israel Afonso Ferreira, um dos primeiros a me visitar.

— Compreendeu? — arremataria o José Vicente Fernandes, tão responsável quanto os mais, pela publicação desta obra.

F I M

PALAVRAS FINAIS

Este livro foi lançado no dia 26 de junho de 1965, no mesmo dia em que se promovem as solenidades comemorativas do vigésimo sétimo aniversário do Hospital Carlos Chagas, a que muito devo do que vai nestas páginas.

Quando, há bem pouco tempo, a superior direção da SUSEME, por questões de ordem administrativa, me transferia do Hospital Geral Sousa Aguiar para o amplo nosocômio que se ergue em pleno coração de Marechal Hermes, longe estava eu de encontrar-me — e, sobretudo, encantar-me — com inteligências tão jovens quanto desenvoltas, tão lúcidas quanto bem orientadas, no ativo exercício de uma medicina tão boa quanto humana. Da qual, como viram, me benefiei.

E cedo me certificava disso com incontida alegria, principalmente pelo sadio ambiente que me rodeava, onde um formigueiro humano composto de competentes médicos, enfermeiros e funcionários, magníficos e dedicados, — se empenhavam no alto e nobilíssimo mistér de servir e curar, consoante os ideais e vocação de cada qual. Assim como eu renovava com imensos júbilos, e a cada

passo, a certeza de que a denominação de Casão — pela primeira vez ouvida dos lábios do Dr. Paulo Gusmão Pernambuco, a quem de modo especial dedico esta obra — constituía mais uma expressão de carinho e respeito, de ternura e evocação, do que mesmo sutil tentame de subtrair do grande edifício sua austera e característica fisionomia hospitalar, a que imensa parte daquela população suburbana devia a gratidão e o reconhecimento pelos indiscutíveis serviços prestados durante três decênios, já prestes a comemorar-se.

Desde que transpus tão afável quão acolhedor umbral, conduzido então pelo braço fraterno e amigo do ex-diretor Manuel Pinheiro Guimarães, colega desde os tempos de folguedos e estudos ginásiais, vem o Carlos Chagas passando por reformas oportunas e sucessivas, com o objetivo de elevar cada vez mais o padrão de atendimentos, consoante o programa de obras da Superintendência de Serviços Médicos, a cuja frente se encontram os ex-companheiros de equipe: João Alves de Brito Cunha e Antônio Joaquim Pacheco do Silva, o Pachecão, que, aliás, já tive o prazer de receber em minha casa. Superintendência a que o Hospital Carlos Chagas se encontra diretamente subordinado, e para onde me transferiram a fim de atuar como clínico, uma vez que no Hospital Sousa Aguiar, onde militava, havia sido designado para um setor de Pediatria, desde que viera do

Posto de São Cristóvão, por indicação do já prestigioso Pachecão, junto ao antigo chefe Dr. Eugênio de Andrade Lima, especialidade em que eu não desejava prosseguir, por razões diversas, mas a que me jungiram, por constituir o único setor ainda com vaga disponível no Sousa Aguiar, onde trabalhara desde 1948, vindo do então Dispensário do Méier.

E assim, de tal transferência, resultou o mundo de coisas que juntei neste livro, inclusive a convicção de que o Hospital Carlos Chagas, ao atingir a sua maturidade, com o atual comando: jovem, vigoroso, ativo, honesto e perseverante, dentro em pouco terá alcançado a grandiosa meta desejada, em dias que não devem andar mui distantes dêste expressivo 26 de junho de 1965, por cujo transcurso a todos felicito, principalmente a cúpola, representada pelos doutores:

Acrílio Rodrigues Peixoto — Diretor
 Roberto Álvares Armando — Vice-Diretor
 Osiris Pimenta da Cunha — Assessor
 Liberato Cabóclo — Assessor
 Valter Albieri — Assessor
 Airton Delmas Torres — Administrador.

*
 * *

Confirma-se, assim, neste final, o que me confiara certa pessoa amiga, ao despedir-me de Nova

Iguaçu e do Sousa Aguiar, já a caminho do Carlos Chagas:

— *Não se esqueça, Deoclécio, de que um sol poente, no horizonte, pode ser aurora em outras terras!*

E ainda me aconselhava:

— *Seja como a água, meu amigo, que aceita, muda, tôdas as sujeiras em seu âmago, mas que, adiante, escorre cristalina e limpida, abrindo montanhas e até rochedos, com a Fôrça e com a Inteligência que Deus lhe reservou!*

— *Muitas felicidades! E muito mais ainda!*

OBRAS DE DEOCLÉCIO D. MACHADO FILHO

- 1 — A SOMBRA DOS LARANJAIS — 1953 — 1 milheiro — Esgotado. (Crônicas de sua mocidade em Nova Iguaçu).
- 2 — SOB O CÉU DE MINHA TERRA — 1956 — (Contos) Esgotado.
- 3 — TRADIÇÃO DE UM NOME — 1956 — 1 milheiro — Esgotado. (Seus esforços pró-construção da sede do E. C. Iguaçu).
- 4 — IGUAÇU, TERRA DE GENTE ILUSTRE — 1957 — 1 milheiro — Esgotado. (Estudo sobre os grandes homens do passado iguaçuano).
- 5 — "O IGUAÇUANO" — (Peça sobre a vida e obra de Rangel Pestana), já exibida na Arcádia Iguaçana de Letras e elogiada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio e Câmara de Vereadores, de Nova Iguaçu.
- 6 — "NO SOCIETY IGUAÇUANO" — Peça representativa da sociedade local, rica de tradições, já exibida.
- 7 — VERAS DALMA — 1964 — Discursos na A.I.L. — 1 milheiro.
- 8 — REMINISCÊNCIAS — 1964 — 1 milheiro — Memórias de seu tempo de estudante, como bacharelando que foi da Turma de 1964, do Ginásio Arte e Instrução.
- 9 — COMO VI MINHA OPERAÇÃO — Memória — 1965. 1 milheiro — Obra médico-espiritualista.

Composto e impresso nas oficinas da
COBRAG - CIA. BRAS. DE ARTES GRÁFICAS, à
Rua Riachuelo, 128 - Rio de Janeiro (GB)

que se levanta entre a *Serra da Cachoeira* e as areias do *Engenho Pequeno*. Aborreço-o a urbe que nos vai esquecendo e passa, indiferente, preocupada com problemas novos, de novas juventudes

— Onde estão elas? — pergunta sempre.

Por certo, como obra, "Veras Dalma" é melhor construída, mais autêntica, sem aquélle sentido *boulevardier* que imprimiu às peças. Concessão feita ao público atual que parece preferir — mesmo no Rio de Janeiro — peças como: "O Bem-Amado", "Boeing Boeing" e "Três em lua-de-mel".

Deoclécio Machado, autor de nove livros publicados, idealizador e fundador da Arcádia Iguacuana de Letras, filho de tradicional família desta terra, merece o incentivo e o aplauso de todos nós, não apenas como escritor fértil, como profissional das ciências médicas também, de quem sempre me vali, como cliente, e sobretudo, como iguaçuano que ama o seu torrão natal.

A. Pimenta de Moraes

Reminiscências...

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO continua em plena atividade literária, que divide com a de sua atividade médica. Ainda agora nos oferece mais um livro seu — "Reminiscências..." (do Ginásio Arte e Instrução), editado pela Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 255 págs. São lembranças interessantes do educandário do pranteado Dr. Ernani Figueiredo Cardoso, onde se plasmou a formação do autor.

Fazem parte do volume (em apêndice) as suas peças: "No "Society Iguaçuano", em 3 atos, e "O Iguaçuano", em 2 atos, já levadas à cena no palco da Arcádia Iguaçana de Letras, a que pertence.

LUIZ DE AZEREDO